



Veredas Temática:

Autoetnografia em Estudos da Linguagem e áreas interdisciplinares

Volume 22 nº 1 - 2018

Resenha

Renata Martins Amaral (PUC-Rio)
Mayara de Oliveira Nogueira Loyola (PUC-Rio)

VERSIANI, Daniela Beccaccia. *Autoetnografias: conceitos alternativos em construção*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2005.

O livro de Daniela Beccaccia Versiani¹, antropóloga e teórica da literatura, intitulado “Autoetnografias: conceitos alternativos em construção”, de 2005, é oriundo da sua Tese de doutorado em Estudos da Literatura, de mesmo título, defendida em 2002, no Programa de Pós-graduação em Letras do Departamento de Letras da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio. Por ser um referencial teórico com textos da literatura autoetnográfica em contexto internacional, a obra é apresentada como um “despertar epistemológico” inspirador de inúmeras revoluções paradigmáticas das últimas décadas. Deveras, a leitura se revela referencial especialmente para pesquisadores interessados na pesquisa em autoetnografia, haja vista que o volume legitima a visão autorreflexiva de investigação científica e esmaece as fronteiras disciplinares entre as ciências sociais e humanas.

¹ Nome completo na tese de doutorado: Daniela Gianna Claudia Beccaccia Versiani.

A introdução da obra de Versiani reúne os pressupostos dos capítulos iniciais de sua tese, a partir de uma seleção realizada pela própria autora. Seu intento é associar estudos em literatura, com foco nas noções de sujeito ou de subjetividade, com estudos em antropologia, sob a inspiração de Valter Sinder, mediante questões sobre a subjetividade do etnógrafo, enquanto produtor de conhecimento. A autora busca esclarecer que o termo “autoetnografia” não representa uma “descoberta” tampouco um “novo gênero literário”, mas um conceito em construção, sem definições ou entendimentos alicerçados, mesmo no campo da antropologia, no qual sua utilização não é recente. Desse modo, Versiani não apresenta um conceito fechado sobre *o que é* autoetnografia, mas oferece ao leitor uma multiplicidade de perspectivas mediante estudos realizados.

A fim de descortinar algumas reflexões a respeito do conceito “autoetnografia” numa perspectiva interdisciplinar, a autora insere suas reflexões no cenário de discussões anteriores sobre escritas de construções de *selves* no campo dos estudos literários. Para tanto, Versiani parte da leitura crítica de ensaios de Antonio Candido e de Silviano Santiago. Em seguida, a autora discorre sobre alguns exemplos da utilização do termo “autoetnografia” na antropologia, a partir da leitura crítica da coletânea *Auto/Ethnography. Rewriting the self and the social* (1997), organizada pela antropóloga Deborah Reed-Danahay.

No primeiro capítulo de seu livro, Versiani disserta sobre o *status* dos discursos autobiográficos e memorialistas em Silviano Santiago e Antonio Candido, no modo pelo qual a autora os compreende como discursos de construção de *selves*, indicativos de um circuito comunicativo indissociável de subjetividades e de molduras sócio-teóricas e culturais. Nesse viés, o capítulo é dedicado a reflexões sobre discursos autobiográficos e memorialistas desenvolvidas pelos referidos autores.

Comparativamente, as análises de Versiani sobre os ensaios de Silviano Santiago e de Antonio Candido ressaltam na proximidade de ambos no que tange à inserção da ficcionalidade como aspecto coadunável com a descrição do gênero autobiográfico e à vinculação entre “contexto” e “texto”. Entretanto, os estudos literários se distanciam no que diz respeito aos pressupostos teórico-críticos que embasam as afirmativas compartilhadas.

No segundo capítulo, Versiani discute sobre novas estratégias de leitura para escritas de construção de *selves*, destacando que o conceito de “autoetnografia” é um caminho produtivo para o pesquisador da cultura, que se ocupa com a superação de dicotomias predominantes na reflexão teórica dedicada tanto às autobiografias quanto às etnografias. É um convite a repensar as dicotomias *self/alter*, *indivíduo/coletividade*, *sujeito produtor de conhecimento/objeto* como continuidade e não como oposição.

Para além do destaque conferido, segundo a autora, o conceito de “autoetnografia” também seria útil em estratégias de leitura de discursos de construção de *selves* “mais tradicionais”, como autobiografias e memórias, que dão ênfase ao processo de reflexão do sujeito (auto) sobre sua própria inserção social, histórica, identitária em uma coletividade (etno) ou coletividades.

No terceiro capítulo “Autoetnografias: conceitos alternativos em construção”, cerne da publicação de Versiani, a autora procura inicialmente contextualizar sua discussão sobre a autoetnografia no âmbito da antropologia para, a seguir, tratar de suas leituras sobre a obra de Deborah Reed-Danahay (1997), *Auto/Ethnography. Rewriting the self and the social*.

A autora toma como mote central os conceitos alternativos relacionados a nichos de pesquisa que levam em conta o saber-fazer antropológico atrelado a uma postura não objetiva de *outsider*, comum às etnografias tradicionais.

Inicialmente Versiani perpassa pelos usos e problemas associados ao termo “autoetnografia” a partir de diferentes pesquisadores, tais como Reed-Danahay – quem

propôs, em um painel realizado em 1995 pela “Society for the Anthropology of Europe and the American Anthropological Association Meetings”, tratar-se de um “conceito com o qual pensar” (p. 100). Os usos do termo são inicialmente tratados em um percurso histórico pela autora, que busca em outros autores a tratativa do conceito-chave que ora está ligado aos relatos de vida como material de análise; ora é tomado como estudo feito pelo antropólogo sobre seu próprio povo; ora é concebido como a antropologia feita no próprio contexto social que a produz, com foco, portanto, na etnografia sobre a própria cultura.

A linguagem utilizada pela autora, ao expor os usos do termo, é clara e concisa, o que acaba por facilitar a leitura de sujeitos pouco familiarizados com as diferenciações tanto de nomenclaturas ligadas ao universo das ciências sociais quanto aos distintos focos narrativos/locais de fala ocupados por quem tece o texto (auto)etnográfico.

Um importante adendo atrelado à noção de autoetnografia é feito por Versiani a propósito da diferenciação entre a figura do nativo e a do antropólogo *insider*: este último recebeu treinamento que lhe proporciona uma percepção sobre sua cultura diferente daquela de um nativo sem esse treinamento. Do que se conclui que as diferentes experiências pessoais constroem pontos de vista distintos sobre determinada cultura mesmo entre indivíduos *insiders*. Ocorre que, segundo Versiani, apoiada em Alice Deck, haverá o estabelecimento de uma hierarquia de vozes neste discurso científico-acadêmico para que o antropólogo, no campo autoreflexivo, confirme a voz do nativo e conquiste a autoridade para a sua própria voz, fazendo, portanto, que o antropólogo/autor recorra a outras fontes históricas e busque por antropólogos *outsiders*. Desse modo a autoridade do fazer antropológico se fundamentaria no próprio *status* de antropólogo, que é também um nativo, capaz de ofertar o “conhecimento em primeira mão” da própria cultura a conferir autoridade ao seu texto.

Neste ponto da obra se observa o cuidado de Versiani ao construir uma espécie de resumo-resenha para seu interlocutor: tratar a escrita acadêmica, a um só tempo, com rigor e fluidez. Isso porque o que a autora busca é justamente construir objetiva e inexoravelmente um panorama dos estudos *em* e *sobre* autoetnografia à audiência brasileira.

Ainda no terceiro capítulo, a autora então apresenta e tece ponderações sobre os nove ensaios reunidos em *Auto/Etnography. Rewriting the self and the social*, organizado por Deborah Reed-Danahay (1997).

O primeiro ensaio, de autoria de Kay B. Warren, reflete sobre as possibilidades de resistência política e/ou cultural associadas às formas de escrita a partir do trabalho com testemunhos e vozes subalternas, em que concebe a autoetnografia como uma multiplicidade de pontos de vista, como uma “zona de contato” e como superação de dicotomias. Já o ensaio de David A. Kideckel posiciona a autoetnografia entre o saber público e o saber privado, entendendo-a como processos discursivos alternativos aos discursos oficiais, de modo que a produção das escritas autoetnográficas ocorreria através de um “mútuo processo de descoberta etnográfica”. No terceiro ensaio, de Birgitta Svensson, segundo Versiani, não há a definição do termo “autoetnografia”. Nele, Svensson – que observa biografias escritas por detentos, os processos de segregação e técnicas de tortura – compreende *textos* como representações (coletivas, do *self*, ou do *self* inserido num contexto cultural), como processos discursivos que não estão aprisionados e estáticos em uma folha de papel, mas em constante circulação em circuitos comunicativos.

Henk Driessen, no quarto ensaio da coletânea analisada por Versiani, focaliza os processos de autoconstrução das identidades pessoais a partir de leituras etno-biográficas. Para Driessen, autoetnografias ou etno-biografias são entendidas como textos que falam de questões mais amplas que os acontecimentos de uma vida pessoal, ou seja, como escrita entre processos de construção de identidades pessoais e identidades coletivas. Já Debora E. Reed-

Danahay, organizadora da coletânea, entende as autoetnografias como escrita de ambiguidades, entretanto, de acordo com Versiani, a concepção de escrita como representação de identidades não é posta em questão.

Por sua vez a concepção do termo “autoetnografia” por Alessandra Jaffe, autora do sexto ensaio da coletânea, abandona a ideia de que exista uma “pura objetividade” da escrita para reconhecer que toda escrita é uma “escrita por” (um propósito) e uma “escrita em” (uma particular moldura social, cultural e política). Já Michael Herzfeld entende ser possível pensar o termo como método auto-reflexivo e auto-inclusivo do produtor de conhecimento ciente de sua posição circunstanciada, tendo em vista que, para Herzfeld, trataria-se de uma escrita dos paradoxos do *self*.

Pnina Motzafi-Haller, em seu ensaio, dá relevância ao contexto de uma mudança significativa no interior da produção de conhecimento antropológico a partir do momento em que escritas autoetnográficas, produzidas por “nativos estudando nativos” (*native studying natives*), deixam de ocupar uma posição marginal e minoritária à disciplina antropológica. Daí surge uma questão levantada por Versiani: será que a chegada dos “nativos, marginais, ou híbridos” implicaria uma mudança epistemológica significativa nos pressupostos de produção de conhecimento ou ela estaria limitada às questões de “representação” política de produtores de conhecimento com diferentes inserções teórico-críticas, socioculturais, políticas, de gênero, etc.?

Por fim a perspectiva de Caroline Brettel, autora do nono e último ensaio, incorpora às estratégias de produção de etnografias a experiência subjetiva do antropólogo que, segundo os preceitos da antropologia mais tradicional, estabelecidos a partir de Malinovski, deve estar presente sim na fase da pesquisa de campo, quando são produzidos os diários, anotações e outros tipos de escritos pessoais, mas supostamente não deveria ser incorporada à escrita etnográfica em si. Questão em foco: o reforço da autoridade do antropólogo e a desautorização da voz do etnografado, que precisaria de “mediação” do etnógrafo para poder falar/escrever e “ser compreendido”.

Ora, estamos diante de um texto que não só expõe ideias centrais de uma série de pensadores de relevo no que tange aos estudos antropológicos, mais do que isto, estamos diante de um trabalho cuidadoso de revisão e reflexão do *fazer* pesquisa social. O valor do texto e do processo de escrita é enaltecido na obra, ao mesmo tempo em que métodos e metodologias de pesquisa são trazidas para discussão e ponderação.

No quarto e último capítulo do livro, Versiani, inicialmente, busca tecer conclusões e perspectivas sobre o termo “autoetnografia” a partir da desmistificação de que se trata apenas de um “novo gênero”. Ela também critica a definição prematura do conceito no intento de contornar as dificuldades contemporâneas e manter as delimitações entre o relato sobre uma vida, o testemunho, a autobiografia, a etnografia e o ensaio auto-reflexivo.

A respeito dos nove ensaios de *Auto/Ethnography: Rewriting the self and the social*, Versiani conclui que os autores da coletânea fizeram convergir diferentes possibilidades de compreensão do termo “autoetnografia” em um campo semântico comum. Tal sistematização se deu a partir de alguns pressupostos compartilhados, mas de modo suficientemente flexível e amplo a fim de possibilitar a percepção da fragilidade de classificações de gênero esquemáticas e simplificadoras, construídas a partir de definições dissociadas de seus contextos de uso. Desse modo, a questão do gênero não é exclusiva, mas a multiplicidade de perspectivas adotadas pelos antropólogos na coletânea convida a refletir sobre divergências e convergências em torno do termo.

Um pressuposto comum aos nove antropólogos é a necessidade de elaboração de um conceito como o de “autoetnografia” em um momento no qual ocorrem seus estudos. No

campo da antropologia e das disciplinas humanísticas em geral, surgem alterações nos processos de construção de *selves*, que passam a ser compreendidos a partir de perspectivas de multiplicidade, mobilidade e complexidade; da relação circular e de mútuas influências entre os processos de construção das subjetividades, sociedades e culturas; e entre sujeito do conhecimento, objeto do conhecimento e processos de construção do conhecimento. Nesse mesmo viés, Versiani oferta ao seu leitor uma pluralidade de possibilidades de investigação de orientação autoetnográfica no intento de robustecer e estimular este método de pesquisa, sobretudo em estudos nacionais.

Com base nas análises dos ensaios selecionados, Versiani sistematiza as possibilidades de compreensão do termo “autoetnografia”, que se estendem das implicações para o próprio processo de construção de autoetnografias: i) da posição do autor de autoetnografias em relação a um determinado grupo cultural – em Warren, Kideckel, Driessen, Reed-Danahay, Jaffe, Herzfeld, Motzafi-Haller, Brettell); ii) da afirmação de “identidades” de minorias – sobretudo em Warren e Kideckel; iii) de questões de alcance metodológico e epistemológico – sobretudo em Reed-Danahay e Herzfeld; e iv) da ruptura com o paradigma dualista ‘Sujeito produtor do Conhecimento’ X ‘Objeto de Pesquisa’ – sobretudo em Herzfeld, Motzafi-Haller e Brettell.

Versiani sugere então que a compreensão do termo “autoetnografia” parta de parâmetros associados a questões de gênero (*genre*), da posição ocupada pelo seu autor, e de preocupações metodológicas e epistemológicas sobre a atuação do sujeito na produção do conhecimento – questões estas que podem se sobrepor. Quanto ao gênero, são consideradas autoetnográficas, autobiografadas e etnografias os registros feitos por antropólogos (*outsiders*) ou nativos de uma determinada cultura (*insiders*). Com relação à posição do autor, o termo “autoetnografia” é usado em, pelo menos, em três perspectivas: i) *native anthropology*; ii) *ethnic autobiographies*; e iii) *autobiographical ethnography*. Finalmente, com base nas preocupações metodológicas e epistemológicas, a terceira perspectiva, *autobiographical ethnography* ou ensaio auto-reflexivo, destaca-se fortemente por ser marcada por preocupações metodológicas e pela reflexão sobre o próprio processo de construção do conhecimento antropológico (questões epistemológicas).

No que diz respeito ao prefixo *auto*, em “autoetnografia”, Versiani revela um consenso entre os autores da coletânea. Para eles, *auto* implica multiplicidade do *self*. Dessa forma, os antropólogos criticam também consensualmente a noção de *self* estável e independente do contexto no qual se constitui.

Além disso, o termo “autoetnografia” é compreendido em Versiani como um neologismo que procura superar dicotomias. Nos ensaios analisados, há uma aproximação dos pares tradicionalmente dicotômicos e antagônicos *insider/outsider*, sujeito do conhecimento/objeto do conhecimento, indivíduo/sociedade, e o Mesmo/ o Outro através da colocação lado a lado dos prefixos *auto* e *etno* (percepção simultânea e relacional de ambos). Assim, pode-se dizer que “autoetnografia” é um conceito com valor de ação política por fortalecer uma mentalidade não dicotômica. Para além disso, a autoetnografia tem potencial para alterar nossos modos de percepção dos processos de construção de subjetividades, culturas e produção do conhecimento.

Com relação aos deslocamentos e discursos de construção de *selves*, Versiani toma como base a *Crítica da modernidade*, de Alain Touraine (1994), e reflete sobre a figura do estrangeiro que vem perdendo espaço nas teorizações para a figura do migrante. Segundo a autora, esse fato possivelmente ocorre porque o estrangeiro constitui-se de pares dicotômicos como eu/outro, o que acaba por limitar a análise dos processos de identificação a um momento pontual. Já o migrante, frequentemente em deslocamento, oferece um enfoque nos

processos de migração, e não na imagem, o que favorece também uma análise diacrônica desses processos. Especificamente a respeito do migrante, Versiani observa ainda que, por estarem em constante deslocamento, em processo de mudança, esses movimentos vão de encontro a uma relação cristalizada. Nesse sentido, a memória da migração se revela fundamental na crítica de fórmulas de construções identitárias essencialistas. Conclui-se então que o neologismo “autoetnografia” oportuniza a compreensão da relação entre mobilidade e multiplicidade dos sujeitos.

Versiani também apresenta uma justificativa para a legitimidade política e cultural do texto autoetnográfico não ser fundamentada exclusivamente com base na mudança de percepção do *self* (auto) – que, de unívoco e estável ou mesmo dual, passa, a ser entendido na multiplicidade, mutabilidade e complexidade – e na mudança de percepção do *ethos* (etno) – que, de homogêneo e estável, passa produtivamente, a ser compreendido como heterogêneo e mutável devido, entre outros fatores, ao contínuo processo de interação entre *selves* em permanente deslocamento.

A autora sugere então que o termo *grafia* não deva ser associado somente ao meio escrito de qualquer objeto “representado”, ou *re*-apresentado, ainda que sejam *selves*, culturas ou identidades concebidas como complexas.

No tocante à legitimidade, autenticidade, autoria e autoridade do conceito “autoetnografia”, Versiani destaca que o prefixo *auto* nos convida a reflexões sobre sujeito/autor de autoetnografias e também remete a uma reflexão crítica não apenas sobre “autoridade” do antropólogo na descrição de uma cultura que não é sua, mas também sobre a sua autoridade em definir a “autenticidade” e “legitimidade” do discurso de um “nativo”. Nesse viés, a autora apoia a construção de uma episteme multicultural, plural e aberta, na qual sujeitos tenham a autoridade reconhecida sobre seus próprios discursos.

Nas páginas finais do livro, a autora trata do lugar do pesquisador, da reflexividade, da interlocução e do dialogismo. Segundo Versiani, mudanças de percepção dos processos de construção de *selves* na contemporaneidade implicam novas reflexões de antropólogos com relação a sua própria identidade profissional e sobre o reconhecimento do saber dos outros.

Concernente aos papéis e contextos, as variações dos mesmos acarretam constantes variações de posição de poder e *status* que dependem de situações contingentes, e que se definem e alteram segundo o contexto e as expectativas e atribuições de outros *selves*.

Por fim, Versiani enfatiza que a questão da identidade do *self*, inclusive o *self* de pesquisadores da cultura, evidentemente não pode mais ser compreendida como uma condição constante e autônoma de seu contexto, mas como contínua alternância de posições segundo a variação de interlocutores e contextos, que ativam diferentes possibilidades na construção desse *self* circunstanciado.

De um modo geral, a episteme evidenciada no livro de Versiani nos informa sobre a variedade de pesquisas de base autoetnográfica. A autora não somente concede ao leitor/pesquisador um passeio pelos caminhos da autoetnografia, mas também o convida a desbravar essa trilha teórica e metodológica, ainda em construção.

Data de envio: 30/09/2017

Data de aceite: 18/07/2018

Data da publicação: 15/08/2018